

INSPIRE-SE! DAS MULHERES PROTAGONISTAS ÀS MEDALHISTAS OLÍMPICAS E PARALÍMPICAS - FASE I

Eixo Temático 30 – Práticas corporais: diálogos com gênero, corpo e sexualidade

Juliana Jungs de Almeida ¹
Tainara Rodrigues de Freitas ²
Angelita Alice Jaeger ³

Resumo

Nesta pesquisa documental apresentamos a trajetória trilhada para visibilizar biografias de atletas brasileiras que foram protagonistas e/ou medalhistas nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, com o intuito de inspirar meninas a romperem barreiras de gênero que as afastam dos esportes. Para tanto, realizamos pesquisas acerca das histórias dessas atletas em diferentes bases de dados, anais de eventos, reportagens e redes sociais, encontrando inúmeras dificuldades para produzir as biografias em razão da escassez, disparidade e lacunas nos registros encontrados. Produzimos 27 HQs e mais 18 *storytellings* para narrar as biografias das atletas nas Olimpíadas e das paratletas nas Paralimpíadas, respectivamente. Concluímos que há um campo imenso ainda não explorado para visibilizar essas trajetórias.

Palavras-chave: Gênero. Esporte. Mulheres. História.

**Trabalho apoiado pelo programa FIEX-UFSM 2022.*

¹ Graduanda do Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, jungsjuliana@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Educação Física Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, tainararodrigu13@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora, Centro de Educação Física e Desportos- UFSM, angelita@ufsm.br.

Considerações iniciais

Do dia 23 de julho a 8 de agosto de 2021 acompanhamos a XXXII Olimpíada, momento propício para visibilizar e problematizar o acesso, a permanência e os investimentos nas modalidades esportivas praticadas por mulheres. Após algumas pesquisas e inconsistências de dados em diferentes sites, concluímos que a delegação feminina representou 46,8% da equipe nacional em Tóquio. Se na primeira edição dos Jogos Olímpicos, elas foram impedidas de competir pelo Barão de Coubertin (DEVIDE, 2005), hoje elas disputam em quase todas as modalidades. Entretanto, a dificuldade de acesso das meninas à prática esportiva, a falta de investimento nos esportes femininos, a escassez de patrocínios, os salários e os prêmios com valores muito inferiores aos dos homens, são algumas das barreiras que precisam ser derrubadas para as mulheres se manterem no contexto esportivo. Além disso, quando elas transpõem as inúmeras dificuldades, os meios de comunicação pouco veiculam suas biografias para que se tornem inspiração para outras meninas e mulheres.

Também, entre os dias 24 de agosto e 5 de setembro de 2021, foram realizados os XVI Jogos Paralímpicos em Tóquio. Apesar desse evento ser considerado uma festa mundial do esporte, não houve transmissão direta das competições na TV aberta brasileira, apenas canais pagos e plataformas de *streaming* transmitiram momentos pontuais do evento. Chama a atenção a pouca visibilidade dos Jogos Paralímpicos e dos/as atletas na cobertura midiática, uma vez que ela tem papel fundamental para que o esporte paralímpico ganhe espaço e os feitos esportivos dos/as atletas sejam destacados, desmistificando preconceitos (CARLOS, 2021). Em julho de 2021, o Comitê Paralímpico Brasileiro estabeleceu a meta de 38% mulheres atletas na delegação. Todavia, esse objetivo foi superado, uma vez que elas contabilizaram 40% da equipe brasileira (CPB, 2021).

Diante desse cenário, elaboramos um projeto de pesquisa e de extensão a ser desenvolvido em duas etapas. A pesquisa consistiu na primeira fase do projeto, foco deste texto, e objetivou identificar as atletas que foram e são consideradas protagonistas das modalidades olímpicas e paralímpicas e aquelas que conquistaram medalhas nos jogos para em seguida, elaborar histórias em quadrinhos (HQs) e *storytellings* para contar momentos importantes da vida, sobretudo, esportiva dessas mulheres. Atravessa a construção desses materiais a vontade de inspirar as meninas e as garotas da educação

básica a incorporarem a percepção de que nenhum limite pode ser imposto às suas potencialidades.

Percurso metodológico

Para elaborar as HQs e os *storytellings* acerca das trajetórias das atletas, organizamos dois momentos distintos. Primeiramente, mergulhamos em buscas nos Centros de Memória do Esporte (UFRGS, UFMG, UFRJ, UFPB, UFPR, UFS, UFBA, UFJF, UFMT e UFSM), vasculhamos os anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e o portal de periódicos da CAPES onde buscamos por teses e dissertações, a fim de pinçar histórias de vida registradas em pesquisas acadêmicas. Como as buscas nas bases de dados não foram satisfatórias, enviamos e-mail ao Comitê Olímpico Brasileiro e ao Comitê Paralímpico Brasileiro para termos acesso a mais informações sobre as atletas participantes em todas as edições dos JO e JP, bem como a indicação daquelas que haviam conquistado medalhas. Recebemos do COB uma lista com todos/as os/as atletas que já participaram de alguma edição dos JO e o CPB nos enviaram o *site* (paralympic.org) no qual poderíamos realizar buscas para identificar as atletas. Como os resultados foram escassos, principalmente, no que se refere ao mapeamento das mulheres protagonistas da cena esportiva, recorreremos então, às notícias divulgadas na mídia (acessamos jornais, sites, programas de televisão), a fim de construirmos as biografias.

Em um segundo momento, construímos HQs com o uso da plataforma Pixton⁴ que é uma ferramenta *online* que permite a criação de histórias a partir de um carrossel limitado de cenários, objetos e personagens. Decidimos que cada biografia seria composta de um carrossel com 9 quadrinhos, os quais deveriam abordar momentos importantes da história de vida da atleta. Assim, os primeiros, apresentariam a infância e o início da vida esportiva. Em seguida, os obstáculos da carreira no esporte (preconceitos, dificuldades, etc). Após, receberiam destaque as vitórias em competições e suas respectivas medalhas. Para finalizar, exibiríamos a situação atual de suas vidas (atuação profissional, aposentadoria, etc.).

A partir do material reunido, elaboramos uma tabela com o total de 692 brasileiras que já participaram de alguma edição dos Jogos Olímpicos desde 1932 a 2020, destacando as 127 medalhistas. Assim, decidimos alguns critérios para definir quais delas fariam

⁴ Utilizamos a versão paga em razão de ter maior quantidade de opções de personagens, cenários e objetos.

parte desta etapa do projeto: partimos daquelas que tinham conquistado medalha de ouro, buscamos abarcar o maior número de esportes possível e consideramos a qualidade do material encontrado para produzir as biografias. Ao final, elaboramos 27 HQs, sendo 16 medalhistas e 11 protagonistas. O protagonismo foi rastreado a partir de pistas deixadas pelas atletas na construção da história da modalidade esportiva (Goellner, Kessler; 2018). Nesse sentido, consideramos protagonistas as seguintes atletas:

ATLETAS PROTAGONISTAS	
ATLETA	MODALIDADE
Daiane dos Santos	Ginástica Artística
Maria Lenk	Natação
Maria Helena Cardoso	Basquete
Dilma Mendes	Futebol
Rosane Favilla	Ginástica Rítmica
Maria Elizabete Jorge	Halterofilismo
Maria Ester Bueno	Tênis
Fernanda Keller	Triatlo
Melânia Luz	Atletismo
Tita Tavares	Surfe
Soraia Adré	Judô

Na tabela abaixo, evidenciamos as atletas medalhistas dos Jogos Olímpicos que tiveram as trajetórias contadas em histórias em quadrinhos.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde

ATLETAS MEDALHISTAS - JOGOS OLÍMPICOS			
ATLETA	MODALIDADE	MEDALHAS	
Rebeca Rodrigues de Andrade	Ginástica artística	OURO 2021	PRATA 2021
Jhulia Rayssa Mendes Leal	Skate		PRATA 2021
Marta Vieira da Silva	Futebol		PRATA 2004 PRATA 2008
Mayra Aguiar	Judô		BRONZE 2012 BRONZE 2016 BRONZE 2021
Ketleyn quadros	Judô		BRONZE 2008
Natália Falavigna	Taekwondo		BRONZE 2008
Beatriz Ferreira	Boxe		PRATA 2021
Hortência de Fátima Marcari	Basquete		PRATA 1996
Yane Marques	Pentatlo Moderno		BRONZE 2012
Laura Pigossi	Tênis		BRONZE 2021
Luisa Stefani	Tênis		BRONZE 2021
Ana Marcela Cunha	Maratona Aquática	OURO 2021	
Kahena Kunze	Vela	OURO 2016 OURO 2021	
Martine Grael	Vela	OURO 2016 OURO 2021	
Jaqueline de Carvalho	Voleibol	OURO 2008 OURO 2012	
Sandra Pires	Vôlei de Praia	OURO 1996	
Maurren Maggi	Atletismo	OURO 2008	

Quando começamos a produzir as HQs relativas às biografias das paratletas, nos deparamos com a total ausência da representatividade de pessoas com deficiência nas personagens, aparelhos e contextos necessários à produção das narrativas na plataforma Pixton. Assim, considerando os documentos e materiais audiovisuais que tínhamos colhido, decidimos utilizar o *storytelling* como um recurso potente e adequado para visibilizar as biografias da paratletas. A partir dessa decisão, nos empenhamos tal qual detetives em busca de pegadas ou quaisquer pistas (PESAVENTO, 2007) para reunir recortes e fragmentos que narrassem as trajetórias das paratletas.

Em relação aos Jogos Paralímpicos, identificamos em torno de 50 atletas brasileiras medalhistas na história dessas competições e mais a equipe de voleibol sentado, cujas identificações não foram encontradas. Essas inconsistências são mais evidentes nos esportes coletivos, tornando as identidades das paratletas invisíveis nos registros do cenário esportivo e impossibilitando que, no momento, suas histórias sejam contadas. Em suma, seguindo os critérios já mencionados, produzimos 18 *storytellings*, sendo: as paratletas que trouxeram medalhas de ouro para o Brasil e as protagonistas que se confundem, muitas vezes, com as medalhistas, como mostra a tabela abaixo:



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade
IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde

PARATLETAS MEDALHISTAS - JOGOS PARALÍMPICOS				
PARATLETA	MODALIDADE	MEDALHAS		
Ádria dos Santos	Atletismo	OURO 2000	PRATA 2004	
		OURO 2000	PRATA 2004	
		OURO 2004		
Roseane dos Santos	Atletismo	OURO 2000		
		OURO 2000		
Fabiana Sugimori	Natação	OURO 2000		
		OURO 2004		
Edênia Garcia	Natação		PRATA 2004	BRONZE 2008
			PRATA 2012	
Daniele Bernardes	Judô			BRONZE 2004
				BRONZE 2008
				BRONZE 2012
Terezinha Aparecida Guilhermina	Atletismo	OURO 2008	PRATA 2008	BRONZE 2004
		OURO 2012		BRONZE 2008
		OURO 2012		
Jerusa Geber dos Santos	Atletismo		PRATA 2012	BRONZE 2008
			PRATA 2012	BRONZE 2021
Shirlene Coelho	Atletismo	OURO 2012	PRATA 2008	
		OURO 2016	PRATA 2016	
Lúcia da Silva Teixeira Araújo	Judô		PRATA 2012	BRONZE 2021
			PRATA 2016	
Joana Neves	Natação		PRATA 2016	BRONZE 2012
			PRATA 2016	BRONZE 2016
				BRONZE 2021
Verônica Hipólito	Atletismo		PRATA 2016	BRONZE 2016
Evelyn de Oliveira	Bocha	OURO 2016		
Evani Soares da Silva Calado	Bocha	OURO 2016		
Silvânia Costa	Atletismo	OURO 2016	PRATA 2016	
		OURO 2021		
Maria Carolina Santiago	Natação	OURO 2021	PRATA 2021	BRONZE 2021
		OURO 2021		
		OURO 2021		
Mariana D'Andrea	Halterofilismo	OURO 2021		
Alana Maldonado	Judô	OURO 2021		
Beth Gomes	Atletismo	OURO 2021		

Resultados e discussões acerca da produção das HQs e dos *storytellings*

A investigação inicial para produzir as fontes de pesquisa que resultaram na elaboração das biografias, revelou que a invisibilidade das lutas, da força, da dedicação e da transposição de barreiras na construção da trajetória esportiva marca fortemente as pistas seguidas para contar suas histórias. Esta etapa investigativa mostrou, também, que há um apagamento da presença das atletas com deficiência nas fontes primárias e secundárias de consulta (documentos oficiais, pesquisas acadêmicas, centros de memória), visto que nos deparamos com inúmeras dificuldades acerca dos registros de suas vidas pessoais e esportivas. A alternativa encontrada foi buscar indícios, registros, fragmentos e imagens dessas atletas no material disponibilizado na internet (Wikipedia,

YouTube, Google, Facebook e Instagram). É preciso sublinhar que, muitas protagonistas e medalhistas dos JO, também foram alvo de pesquisa nesses artefatos culturais. Todavia, as lacunas mais evidentes estiveram relacionadas às atletas de modalidades coletivas, tanto que optamos, quando possível, visibilizar aquelas com resultados mais aclamados e mais conhecidas. É preciso ressaltar que esse processo de checagem foi lento, uma vez que era preciso cotejar informações com duas ou mais fontes para verificar a veracidade das informações. Entretanto, muitas lacunas e inconsistências ainda permanecem no estudo e nos lembram que: “Tudo o que foi dito, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas” (PESAVENTO, 2007, p. 15-16).

Em que pese as dificuldades encontradas, as histórias em quadrinhos constituem-se em modo atraente e descontraído de narrar as vidas esportivas dessas atletas. Além disso, o potencial metodológico desse artefato cultural tem sido explorado, ainda que timidamente, pela educação física escolar (TREVISAN; GONZALES; BORGES, 2020). Tematizar pedagogicamente conteúdos de modo atrativo, colorido e, ainda, divertido identificam as HQs e, em função dessas características, facilitam a apreensão de conhecimentos (REBOLHO; CASAROTTO; JOÃO, 2009). Considerando que o alvo desse material são as meninas e as garotas que frequentam a educação básica, suspeitamos que seu conteúdo pode interpelar as estudantes e reverberar em suas reflexões e projetos de vida. Para exemplificar, reproduzimos abaixo a biografia da Marta Vieira da Silva (jogadora de futebol) e da Jhulia Rayssa Mendes Leal (skatista).



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero,

Marta Vieira da Silva nasceu em Dois Riachos no Alagoas. Com 13 anos já participava de torneios locais e em 1999 com seu talento já descoberto, iniciou sua vida esportiva no CSA - Centro Esportivo Alagoano.



Em 2004 foi medalhista de prata nas Olimpíadas de Atenas. De 2006 até 2010 foi considerada a melhor jogadora do mundo pela FIFA, em 2007 também ganhou a Chuteira de Ouro e foi a artilheira dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro.



Em 2018, Marta foi escolhida pela ONU Mulheres como embaixadora da boa vontade para mulheres e meninas no esporte, nesse mesmo ano ganhou pela sexta vez a melhor jogadora do mundo pela FIFA.



Aos 14 anos, se mudou para o Rio de Janeiro para treinar no Vasco da Gama e por lá permaneceu dois anos. Em 2002, defendeu a seleção brasileira na Copa do Mundo Sub-19 no Canadá. Após o encerramento do time feminino do Vasco, conseguiu uma vaga no Santa Cruz, em Belo Horizonte, onde foi campeã três vezes.



Em 2008, foi medalhista de prata nos Jogos Olímpicos de Pequim. Em 2009, foi para os EUA jogar na Women's Professional Soccer, ganhou o título de melhor jogadora nas duas primeiras temporadas que competiu.



Por receber menos que os homens, Marta não aceitou estampar marcas na sua chuteira na Copa do Mundo FIFA 2019, optando, na segunda partida da competição, por dar visibilidade ao Go Equal, recente campanha pela equidade de gênero no esporte que tem a própria jogadora como principal propagadora da causa.



Foi um dos destaques brasileiros nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003, onde a seleção nacional conquistou medalha de ouro, nesse mesmo ano a equipe sueca Umeå IK a contratou.



Nas férias de 2009, 2010 e 2011, jogou pelo Santos F.C., ganhando a Copa do Brasil (2009) e Libertadores (2009, 2010), e também viu o Santos fechar as portas do time feminino.



Desde 2017, a Rainha do Futebol joga no Orland Pride, junto com sua noiva Toni Deion. Ela luta pela organização do futebol feminino para que mais mulheres sejam referência no esporte. Em 2021, a CBF divulgou que Marta é a maior artilheira da seleção brasileira, entre homens e mulheres.



Tudo começou em seu aniversário de 6 anos de idade. Rayssa ganhou um skate de um amigo de seu pai. Dali em diante não parou mais de praticar e evoluir no esporte.



Em 2015, com 7 anos de idade, conquistou o Campeonato Brasileiro Infantil Feminino em Blumenau, no Vale do Itajaí.



A Fadinha do Skate, como é conhecida, se tornou inspiração para meninas que querem se dedicar ao esporte e estrelou a campanha da Nike "NOVAS FADAS" para mostrar que o skate também é coisa de garota!



No início, Rayssa ouvia que isso não era coisa de menina. Ela não se abalava com esses comentários. Entretanto, seu pai escutava muita coisa e a proibiu, chegando a cortar seu skate no meio. Para sua sorte, logo depois ele tinha voltado atrás pois sabia que Rayssa tinha muito talento.



Com o apoio de seus pais continuou treinando e vencendo campeonatos mundiais dentro e fora do Brasil.



Após as Olimpíadas, Rayssa voltou para seus estudos no Colégio Cebama. A atleta agradeceu sua escola pelo incentivo durante sua carreira e comemorou o retorno.



Rayssa e seu pai buscavam com frequência auxílio financeiro na Secretaria de Esportes da sua cidade Imperatriz no Maranhão, mas nunca receberam resposta. Esse foi mais um desafio enfrentado pela atleta em sua carreira.



Aos 13 anos de idade, em 2021, Rayssa ganhou medalha de prata na modalidade Skate Street nas Olimpíadas de Tóquio 2020. Ela se tornou a atleta mais jovem da história do Brasil a subir ao pódio em Olimpíadas.



Agora com vários patrocinadores, Rayssa estampa campanhas publicitárias de grandes marcas, estuda e se prepara para as Olimpíadas de 2024 em Paris.



Como já mencionamos anteriormente, não foi possível produzir as HQs com as biografias das atletas paralímpicas em decorrência da restrição de possibilidades da plataforma Pixton. A necessidade de buscar alternativas adequadas ao objetivo do projeto e a certeza de que não poderíamos abandonar esse eixo, colaborando e reforçando o apagamento das atletas com deficiência, nos moveu a encontrar um artefato substituto. Identificamos no *storytelling* qualidades condizentes com os requisitos que havíamos determinado.

O *storytelling* consiste na construção de conteúdo audiovisual que objetiva contar histórias de uma forma mais lúdica, tendo como finalidade a aquisição, estruturação e transmissão de conhecimentos fazendo com que os/as receptores/as sejam interpelados/as pelas narrativas, explorando diferentes contextos por meio da apresentação das informações que constituem as histórias (TENÓRIO et al, 2020). Ao narrar histórias vamos construindo significados através dos quais nossas experiências vão adquirindo novos sentidos, pois cada modalidade de pensamento permite modos característicos de acesso à realidade (MADDALENA; D'ÁVILA; SANTOS, 2020).

Como as imagens (fotografias e vídeos) são centrais na produção do recurso audiovisual, realizamos um amplo e exaustivo trabalho de busca, perseguindo pistas que, muitas vezes, resultaram em escassos registros imagéticos, pontilhados com recorrentes lacunas em momentos importantes da vida das atletas ou imagens de qualidade ruim e que poderiam comprometer o trabalho. Ao final, produzimos 18 *storytellings*, com durações que variavam entre 2 e 5 minutos, acompanhados de narrativa e legenda para possibilitar a acessibilidade. A seguir, exemplificamos com a tela de entrada das biografias da Ádria dos Santos e da Terezinha Guilhermina.





Como podemos ver, o conteúdo audiovisual exibiu biografias das paratletas partindo das pegadas iniciais de suas carreiras esportivas, destacando o caminho trilhado e a situação atual de suas vidas. Obviamente, encontramos imprecisões nos dados, desde aqueles que indicam data de nascimento, a idade em que começou a competir, qual o tipo e grau de deficiência da atleta, a classe que a atleta compete, até um apagamento de sua vida atual. As lacunas e percalços encontrados nos movem a continuar o trabalho e a estimular outras pessoas a registrarem essas inspiradoras trajetórias. Assim, ao percorrer essas linhas do tempo, encontramos um emaranhado de fios que nos desafiam a narrar cada uma dessas histórias, desfazer seus nós e tecer novas tramas.

Considerações Finais

Apresentar as trajetórias das atletas brasileiras olímpicas e paralímpicas nos permitiu reconstruir a participação dessas mulheres nesses eventos de espetáculo esportivo, bem como identificar as medalhistas e algumas protagonistas nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Contudo, também tornou visível a escassez de informações sobre essas atletas, reafirmando a desigualdade entre homens e mulheres no território esportivo. Em vista disso, salientamos a importância de reconhecer e divulgar as suas histórias e suas lutas no interior do esporte no Brasil.

Após a produção do material, realizaremos a exibição do seu conteúdo nas escolas estaduais de Santa Maria/RS, primeiramente, no ensino médio e, especificamente na

disciplina de Projeto de vida. Esperamos que a ação extensionista visibilize as atletas possibilitando que elas sejam reconhecidas pelos seus feitos esportivos e que suas biografias possam inspirar as meninas e as garotas a considerarem que nenhum limite pode ser imposto às suas potencialidades e que lugar de mulher é onde ela quiser.

REFERÊNCIAS

CARLOS, N. M. **A imagem da atleta feminina com deficiência pelo olhar da imprensa brasileira nos Jogos Paralímpicos Rio 2016**. 2021. 218 p. Tese (Doutorado de Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2021.

DEVIDE, F. P. Coubertin e Samaranch: da exclusão à inclusão das mulheres nos Jogos Olímpicos modernos. **Corpus et Scientia**, v. 1, n. 1, 2005.

GOELLNER, S. V.; KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 117, pg. 31-38, 2018.

MADDALENA, T. L.; D'ÁVILA, C.; SANTOS, E. Visual Storytelling e Pesquisa-formação na Cibercultura. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 3, n. 7, p. 290-305, 26 abr. 2018.

Qual atleta mais jovem? Quantas mulheres? Quantos estreantes? Confira o raio-X da delegação brasileira paralímpica convocada para Tóquio. **Comitê Paralímpico Brasileiro**, 2021. Disponível em: <https://cpb.org.br/noticia/detalhe/3405/qual-atleta-mais-jovem-quantas-mulheres-quantos-estreantes-confira-o-raio-x-da-delegacao-brasileira-paralimpica-convocada-para-toquio>. Acesso em: 01 jun. 2022.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.



REBOLHO, M. C. T.; CASAROTTO, R. A.; JOÃO, S. M. A. Estratégias para o ensino de hábitos posturais em crianças: história em quadrinhos versus experiência prática. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 46-51, jan./mar. 2009.

TENÓRIO, N.; et al. Uso da Storytelling para a construção e o compartilhamento do conhecimento na educação. **Educação Por Escrito**, v. 11, n. 2, p. e30601, 3 nov. 2020.

TREVISAN, K. I.; GONZALES, F. J.; BORGES, R. M. Histórias em quadrinhos como recurso metodológico: uma possibilidade nas aulas de Educação Física. **Movimento**, v. 26, e26090, 2020.